



**FUNDAÇÃO UNIVESIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM-MS  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS**

**ELEN VIVIANE RAMIRES BARCELOS**

**FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DOCENTE DA FRONTEIRA  
INTERNACIONAL DE BELA VISTA-BRASIL E BELLA VISTA DO  
NORTE-PARAGUAI SOBRE ALUNOS BRASIGUAIOS: UM  
ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO**

**Jardim - MS**

**2017**

ELEN VIVIANE RAMIRES BARCELOS

**FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DOCENTE DA FRONTEIRA  
INTERNACIONAL DE BELA VISTA-BRASIL E BELLA VISTA DO  
NORTE-PARAGUAI SOBRE ALUNOS BRASIGUAIOS: UM  
ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim - MS, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras-inglês.

Orientador: Professor Jefferson Machado Barbosa.

**Jardim - MS**

**2017**

XXXX. Barcelos, Elen Viviane Ramires.

Fotografia sociolinguística docente da fronteira internacional de Bela Vista-Brasil e Bella Vista do Norte-Paraguai sobre alunos brasiguaios: um estudo de caso etnográfico/Elen. Jardim, MS: UEMS, 2017.

XXp. ; 30 cm

Monografia (Graduação) – Letras-Português/ Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2017.

Orientador: Prof. Jefferson Machado Barbosa.

1. Fronteira 2. Etnografia 3. Sociolinguística. 4 Língua. Título.

CDD XX. ed. XXX.XXX

ELEN VIVIANE RAMIRES BARCELOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS – INGLÊS

**FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DOCENTE DA FRONTEIRA  
INTERNACIONAL DE BELA VISTA-BRASIL E BELLA VISTA DO  
NORTE-PARAGUAI SOBRE ALUNOS BRASIGUAIOS: UM  
ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO**

---

Orientador: Professor Jefferson Machado Barbosa

**APROVADO EM:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Profa. Dra. Patrícia Alves Carvalho  
UEMS-Jardim

---

Prof. Dra. Adélia Maria Evangelista Azevedo  
UEMS-Jardim

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho especialmente à toda minha família pelo apoio durante a graduação, todos sempre estiveram ao meu lado me dando apoio incondicional mesmo que alguns mais e outros menos, porém, de alguma forma todos estavam me ajudando e que nunca me deixaram desistir, mesmo com todos os obstáculos e dificuldades.

Dedico também à minha irmã Leide Daiane Ramires Barcelos Valdez, que sempre disse “você é capaz, e que tudo daria certo era só acreditar e ter fé”, me inspirou e motivou muitas vezes, e deu suporte em todas as horas, enfim a todos que de alguma forma não me deixaram fraquejar, nem nas horas mais difíceis, e nem quando houve um certo desânimo por conta das viagens - Bela Vista a Jardim.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, à Deus, pois é minha base e sem Ele nada é possível.

Agradeço também aos meus familiares que me apoiaram durante a trajetória nos de graduação.

Agradeço ao meu orientador, professor Jefferson Machado Barbosa, pelo comprometimento destinado à elaboração deste trabalho.

Ao corpo docente da Universidade, em especial aos do curso de Letras, assim como os coordenadores e gerente da unidade, que nos proporcionaram vários momentos rico em conhecimentos e experiências e, aos demais colaboradores, que trabalham em prol dessa unidade.

Aos meus colegas de turma, pelos momentos de trabalhos em grupo, dupla.

À banca examinadora deste trabalho por contribuir com os valiosos e diferentes olhares investigativos. Profa. Dra. Adélia e Profa. Dra. Patrícia, aceitem meu muito obrigada.

A todos que diretamente ou indiretamente participarão e incentivaram na minha formação.

Muito obrigada!

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo central apresentar como uma professora de língua portuguesa de uma escola pública da fronteira internacional entre Bela Vista- Brasil e Bella Vista do Norte- Paraguai “enxerga”<sup>1</sup> e lida com alunos brasiguaios. A pesquisa é qualitativa e quantitativa de cunho etnográfico do Tipo Estudo de Caso. A base teórica está voltada para Sociolinguística Educacional, cujos postulados ancoram-se em Bortoni-Ricardo (2004a, 2014b). Os pressupostos metodológicos estão fundamentados na etnografia norte-americana de Erikson (1990), cujo método de análise do *corpus* da pesquisa se baseia na análise interpretativista, por meio do paradigma indiciário, com vistas à Triangulação dos Registros, coletados durante a pesquisa de campo nos anos de 2016-17.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fronteira, Etnografia, Sociolinguística, Língua.

---

<sup>1</sup> Os termos “enxergar” e “olhar” são compreendido neste trabalho como visão, observação, tratamento, reciprocidade de um locutário, professora, com o interlocutor, estudante.

## ABSTRACT

This research has as main objective to introduce how a Portuguese language teacher from a public school on the international boundary between Bela Vista - Brasil and Bella Vista Norte – Paraguay "sees" [1<sup>2</sup>] and deals with brasiguaios students. The research is qualitative and quantitative of ethnographic nature of the type case study. The theoretical base is geared towards educational sociolinguistics, whose postulates are anchored in Bortoni-Ricardo (2004a, 2014b). The methodological assumptions are based on the north American ethnography of Erikson (1990). Whose method of analyzing the structure of the research is based on the interpretative analysis, by means of the indicial paradigm, with a view to triangulation of the records collected during the campus research in the year 2016-17.

**KEYWORDS:** Boundary, Ethnography, Sociolinguistics, Language.

---

[1] The words "sees" and "look" are understood like vision, observation, treatment, reciprocity of a locutorio, teacher with student interlocutor.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 01. Rio Apa. Fonte: Manoel Gomes.

Figura 02. Ponte sobre o Rio Apa. Fonte: Manoel Gomes.

Figura 03. Comércio Paraguaio. Fonte: Manoel Gomes.

Figura 04. Comércio Brasileiro. Fonte: Elen Barcelos.

Figura 05. Produção Textual. Fonte: Luz.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BR: Brasil.

CREAS: Centro Especializado de Assistência Social.

UEMS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

IBGE: Instituto Brasileiro Geografia e Estatística.

MS: Mato Grosso do Sul.

PY: Paraguai.

SISU: Sistema de Seleção Unificada.

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso.

## SUMÁRIO

<b>CRAQUELADOS INTRODUTÓRIOS.....</b>	
<b>CAPÍTULO I – PASSOS DE PESQUISA.....</b>	
CENA I 01-INGRESSO À UNIVERSIDADE, CURSO DE LETRAS, PORTUGUÊS E INGLÊS, DA UEMS DE JARDIM – MS.....	14
CENA 02 – ESCOLHA DA LINHA DE PESQUISA E CONTATO COM ORIENTADOR DA PESQUISA.....	15
CENA 03 – SELEÇÃO DA ESCOLA.....	15
CENA 04 – CRITÉRIO DE SELEÇÃO DA ESCOLA.....	17
CENA 05 – VISITAS À ESCOLA SELECIONADA: ALGUNS OLHARES DA PESQUISADORA.....	17
CENA 06 – COLETA DAS REDAÇÕES.....	18
<b>CAPÍTULO II – CONTEXTO HISTÓRICO DE BELA VISTA – BRASIL E BELLA VISTA DO NORTE – PARAGUAI.....</b>	
2.1- PERSPECTIVA HISTÓRICA DE BELA VISTA BRASIL E BELLA VISTA DO NORTE PARAGUAI.....	20
<b>CAPÍTULO III – CONSTRUINDO O ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	
1-ETNOGRAFIA ESCOLAR.....	27
2-SOCIOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL.....	29
<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS.....</b>	
4- BASES PARA ANÁLISE DA PESQUISA.....	34
4.1 – O CASO LUZ E REBECA: APLICAÇÃO DA ATIVIDADE.....	35
4.2 – HISTÓRICO DA ESTUDANTE LUZ.....	35
4.3 – REDAÇÃO.....	36
4.4 - OLHAR DA PROFESSORA REBECA PARA O TEXTO DE LUZ.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO .....</b>	
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	

### CRAQUELADOS INTRODUTÓRIOS<sup>3</sup>

Na contemporaneidade, século XXI, vários são os estudos sobre a relação entre Língua e Sociedade. Ancorados no pensamento de Barbosa (2015), pode-se dizer que a Sociolinguística, enquanto ciência e cuja ramificação é da Linguística Geral, ocupa-se, dentre outros parâmetros, de estudar a relação do homem e da língua dentro de um espaço social, a partir do que Tarallo (2007) denomina de fatores linguísticos e extralinguísticos. A partir dos postulados da Sociolinguística, outras necessidades emergiram em espaço específicos, dentre eles, a sala de aula. Com isso, nasce no contexto brasileiro com Bortoni-Ricardo (2004a, 2014b) a Sociolinguística e Educação ou/e Sociolinguística Educacional.

Evidentemente, a soma desses estudos tem contribuído para o mapeamento da real situação linguística no Brasil, especificamente no que se refere às regiões de fronteira e dentro do âmbito educacional. A região fronteira eleita para essa investigação recebe a designação de Bela Vista-Brasil e Bella Vista do Norte-Paraguai. O Nosso tratamento para esse espaço é de enxergá-lo como multicultural e cuja realidade bi(multi)línge se faz presente a cada amanhecer, principalmente dentro do espaço escolar, compreendido por Pereira (2002) como uma arena de mistura linguística, cultural, social, ideológica, étnica, dentre outros aspectos.

A partir dessa conjuntura apresentada da Sociolinguística Educacional e do contexto em estudo, é fundamental dizer que esta pesquisa é motivada principalmente pela presente autora residir no espaço fronteiro de estudo e perceber durante sua prática docente em relação ao contexto, por meio de estágios, que a realidade sociolinguística da escola merecem alguns questionamentos, dentre esses: A professora que vive na região de fronteira percebe a realidade bi(multi)línge de seus alunos brasiguaios? quais aos conceitos têm a professora de língua portuguesa da fronteira sobre bi(multi)linguismo, línguas e cultura da fronteira? O que diz a professora sobre a escrita de seus alunos brasiguaios?

Para responder a essas perguntas de pesquisa, também configuradas das inquietações da presente autora, a investigação, de caráter qualitativo, seguiu a

---

<sup>3</sup> Termo originalmente utilizado por Barbosa (2015). Compreendemos, assim como o autor, que esse mosaico de informações iniciais, craquelados, são um amontoado de ideias expostas no trabalho todo e que juntas na introdução funcionam como uma síntese para apresentar ao leitor a obra como um todo.

orientação da etnografia norte-americana proposta por Erikson (1990) para a realização da pesquisa de campo. Aqui é importante destacar que o nome da instituição de ensino onde a professora atua(ou) não será mencionado tendo em vista a manutenção da ética e do sigilo. Além disso, elegemos um nome fictício a docente que contribuiu com a pesquisa, por prezar pelos mesmos princípios destacados outrora.

O termo *fotografia* é usado, aqui, como recorte metodológico para o corpus de análise, de modo a fotografar cenas etnográficas que auxiliam na construção dos Passos de Pesquisa e, conseqüentemente na análise de Dados, por meio da *Triangulação de Registros* (ERIKSON, 1990).

A arquitetura do trabalho se configura da seguinte maneira, a saber: O Capítulo 1, denominado de “Passos de Pesquisa”, é apresentado os Passos de Pesquisa, de modo que o leitor possa acompanhar, dentre outros aspectos, o detalhamento numa pesquisa de cunho etnográfico. Já o Capítulo 2, cuja designação é “Contexto Histórico de Bela Vista-Brasil e Bella Vista do Norte-Paraguai, apresenta-se a historicidade da região em estudo, o que evidencia as marcas de pluralidade social, linguística, situacional, dentre outros fatores; de uma comunidade fronteiriça que merece o recuo no tempo, na história, para sua compreensão e interpretação. O Capítulo 3 recebe o título de “Construindo o Arcabouço Teórico-Metodológico”, cujos princípios básicos se fixam predominantemente na Sociolinguística e Etnografia escolar, centrados numa pedagogia que preza pela variação linguística. No Capítulo 4 é apresentada análise de Dados a partir da Triangulação de Registros constituídos na pesquisa de campo e com olhar interpretativista a partir do paradigma indiciário para o modo como a docente enxerga o estudante brasiguai. Por fim, mas não limitando o assunto, apresentados as considerações finais, ainda em processo, bem como Referências Bibliográficas que sustentam a base teórica-metodológica da pesquisa.

## **CAPÍTULO I- PASSOS DE PESQUISA**

Este primeiro capítulo é destinado à descrição de todo roteiro da minha pesquisa, com início em 2016, no contexto da fronteira de Bela Vista-Brasil e Bella Vista do Norte-Paraguai. A princípio era apenas uma ideia de pesquisa, com decorrer do Curso de Letras, Português e Inglês, da UEMS de Jardim-MS, e a confirmação de que era essa Linha de Pesquisa a seguir. As informações descritas em primeira pessoa, neste capítulo, são resultados de (re)visitas ao caderno de campo do pesquisador etnográfico, cujas anotações são valiosas e contribuem para compreender, dentre outros aspectos, o contexto de realização da pesquisa. Para melhor compreensão, dividimos o capítulo em Cenas, ou seja, em momentos que fizeram parte da investigação.

### **Cena 01- Ingresso à Universidade, Curso de Letras, Português e Inglês, da UEMS de Jardim-MS.**

Em Fevereiro de 2014, fui selecionada para cursar Letras, Português e Inglês, na UEMS de Jardim-MS, através do Sistema de Seleção Unificada, SISU, a partir daí, deparei-me com um universo acadêmico repleto de desafios a serem enfrentados. No decorrer do Curso de Letras, Português e Inglês, em 2016, já na terceira série do Curso, descobri que Trabalho de Conclusão do Curso, TCC, segundo o Regulamento da Instituição - Projeto Pedagógico do Curso de Letras, Português e Inglês - Unidade Universitária de Jardim-MS<sup>4</sup>, era feito em dois anos. Desse modo, a primeira etapa, na terceira série do Curso, por meio do AMA (Apresentação de Monografias em Andamento) e, posteriormente, na quarta série do Curso, com a defesa do TCC.

Com base nessas informações, comecei a pensar num tema e um possível orientador (a) para a realização do meu trabalho de TCC. Optei pela área da Linguística, primeiramente pela influência positiva de docentes do Curso de Letras, Português e Inglês, da UEMS de Jardim-MS; em seguida, pela motivação de querer pesquisar algo que estava diretamente ligado à escola, visto que fui selecionada pelo Vale Universidade para fazer o meu estágio, na qualidade de membro administrativo, em uma escola estadual de Bela Vista-Brasil, um município fronteiro de Mato Grosso do Sul.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.uems.br/graduacao/curso/letras-portugues-ingles-licenciatura-jardim> Último acesso em 01/11/2017 às 14h.

## **Cena 02- Escolha da linha de pesquisa e contato com o Orientador da Pesquisa**

Em maio de 2016, os professores do Curso de Letras, Português e Inglês, da UEMS de Jardim-MS, precisavam apresentar aos acadêmicos da terceira série suas Linhas de Pesquisas. Diante disso, nós acadêmicos assistimos várias apresentações rápidas. Quando o professor Jefferson Machado Barbosa apresentou a sua Linha de Pesquisa, dizendo que orientava também na Sociolinguística, uma ramificação da Linguística, tive a certeza que era nessa Área do Conhecimento que queria realizar a minha pesquisa. Então, a partir daquele dia, passei a pesquisar minuciosamente uma temática. Além disso, comecei a trocar e-mail com o professor, até o dia em que marcamos uma reunião para assinar o Termo de Orientação, um documento exigido pela Instituição, UEMS. Além do mais, o encontro serviu para construirmos, juntos, o esboço do meu trabalho. Durante a reunião, o meu orientador me apresentou os possíveis teóricos que serviram de base teórica e as primeiras leituras para (re)construção do conhecimento teórico-metodológico e que sustenta essa pesquisa.

## **Cena 03 – Seleção da Escola**

No decorrer da pesquisa, diversos foram os momentos difíceis, dentre eles a escolha da escola foi um período muito complexo, visto que a primeira escola que selecionei era uma escola municipal e como sou estagiária da rede estadual, possuía pouco contato com o corpo docente desta escola municipal. A seleção da escola se deu, dentre outros aspectos, pelo fato dela possuir um número significativo de alunos brasiguaios. A justificativa desse fato se dá, também, porque a escola fica, geograficamente, mais próxima ao país vizinho, Paraguai, o que configura pensar, dentre outros fatores, que a escola brasileira de Bela Vista-Brasil recebe diariamente estudantes de Bela Vista do Norte-Paraguai que, juntos com alunos brasileiros, assumem uma categoria de brasiguaios.

Outro fato repousa na ideia de que a escola selecionada para a realização da pesquisa só funcionava no período matutino e vespertino. No período matutino é destinado para as séries iniciais, quais sejam: educação infantil um e dois, e no período vespertino as turmas são de 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental. Ao que se refere à recepção, é importante destacar que a professora foi bem acessível e, sobretudo

prestativa. A etapa da *Geração dos Registros* (ERIKSON, 1990) teve início no segundo semestre de 2016. Solicitei gentilmente que a professora de língua portuguesa fornece a mim, de modo aleatório, redações dos estudantes, porém em meados de 2017, quando eu concluiria a etapa da *Pesquisa de Campo* (TARALLO, 2007) a professora aposentou-se.

Aqui é fundamental registrar que, conforme orientação etnográfica de Erikson (1990), a pesquisa qualitativa etnográfica, por mais que haja planejamento, ela está sujeita a alterações e (re)modelações, tanto no percurso do pesquisador, quanto na seleção de *corpus de análise* a partir do *corpus de pesquisa*. (FIORIN; BARBISAN; FLORES, 2013, p. 14). Ao seguir as orientações da pesquisa etnográfica, segundo Flick (2012, p. 62) conectado ao pensamento de Erikson (1990), observa-se que “as pessoas a serem estudadas são selecionadas segundo a sua relevância para o tópico de pesquisa”.

Ao compreender e fixar essas orientações da pesquisa etnográfica, busquei juntamente com meu orientador outra professora e outra instituição de ensino, visto à aposentadoria da docente e por compreendermos que é necessário para uma pesquisa, dessa natureza, que a professora esteja efetivamente em sala, atuando.

Na busca dessa nova instituição para aplicação da pesquisa, eu segui as quatro orientações de pesquisa e etnografia, quais sejam:

Primeiro, se for esperado que a sua pesquisa tenha lugar em uma instituição, você tem de organizar o acesso a ela como um todo. Segundo, você deve ter acesso aos indivíduos na instituição que devem participar do estudo. Em terceiro lugar, você deve esclarecer as questões de permissão. Em quarto, as questões de como proteger os participantes de qualquer uso inadequado dos dados e do anonimato devem ser respondidas (FLICK, 2012, p.58).

A partir dessas premissas etnográficas, além da orientação do professor Jefferson, novamente selecionei outra escola que não citarei, aqui, o nome por uma questão de ética e sigilo, conforme orienta Tarallo (2007) na pesquisa sociolinguística. Dentre os aspectos que me motiva(r)am a escolher a respectiva instituição, é importante destacar o fato de eu possuir acesso aos indivíduos, visto que realizei o meu estágio do Programa Vale Universidade, na qualidade de membro administrativo, além do meu estágio de Língua e Literatura de Língua Portuguesa I. Portanto, a partir dessas relações com a escola, o meu contato com docentes e professores era expressivo, o que me motivou de maneira maximizada a selecionar a respectiva escola.

Na conversa com a docente, ao explicar o teor da pesquisa, fiz questão de prezar pela ética e a quarta orientação de Flick (2012, p.58), evidenciada na postura do meu orientador, referentes às questões de “como proteger os participantes de qualquer uso

inadequado dos Dados e do anonimato devem ser respondidas”. Em seguida, a professora que se propôs a contribuir para a minha pesquisa foi selecionada, em abril de 2017, para o Curso de Mestrado Profletras no município de Dourados-MS. Logo, a docente solicitou afastamento docente para cursar o Mestrado em outro município.

Em maio de 2017, o meu orientador, juntamente com os professores orientadores do estágio Curricular Supervisionado de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa II, realizaram uma visita à Escola Estadual, a qual eu estava realizando o meu estágio. Na ocasião, o meu orientador conheceu as professoras e pôde estreitar, ainda mais, laços. Em seguida, marcamos outra orientação, o qual ele sugeriu realizar a pesquisa com uma das professoras dessa escola, visto que eu já estava naquele contexto e também a escola recebe estudantes oriundos de Bella Vista do Norte-Paraguai.

#### **Cena 04 – Critério de seleção da escola**

Entre essas três escolas que percorri durante a realização da minha pesquisa, aprendi, dentre outros parâmetros, que na pesquisa qualitativa, em especial de viés etnográfico, pesquisa de campo, o pesquisador encontrará diversas situações as quais terá de (re)direcionar o seu percurso enquanto investigador. Diante disso, senti-me mais estável, do ponto de vista do contexto de pesquisa, nessa última escola.

Passado alguns dias, conversei com a professora regente de Língua Portuguesa do ensino fundamental vespertino sobre a minha pesquisa. Após apresentar o teor da investigação, ela aceitou contribuir com essa pesquisa, por compreender também que é importante descrever e mapear a realidade escolar no que se refere ao aspecto linguístico.

#### **Cena 05. Visitas à escola selecionada: alguns olhares da pesquisadora**

Ainda no decorrer de minha pesquisa de campo, ao (re)visitar o caderno de campo, nota-se, dentre outros aspectos, um encontro entre mim e a professora regente em que ficou acordado a liberação para eu acompanhá-la em suas aulas de Língua Portuguesa, para me contextualizar daquele âmbito escolar, que a partir daquele momento, dialogava-se de modo direto com o meu objeto de estudo: o olhar da professora com os alunos brasiguaios. Esse acordo aconteceu no final de maio, porém só conseguir assistir as aulas no mês de junho de 2017, no período vespertino. É

importante mencionar ainda que a professora leciona(va) aula no ensino fundamental e esta é a etapa de escolarização que mais possui alunos brasiguaios na escola selecionada para realização da pesquisa.

Direcionei-me à escola duas vezes no mês de junho do ano de 2017, uma no início e outra no final do mês. Lá, acompanhei os anos do 6º e 7º ano e pude perceber diversas sutilezas, dentre elas o fato de as turmas serem bastante mescladas. A título de ilustração, haviam alunos brasileiros, brasiguaios e indígenas.

Ainda durante as visitas à escola, pude perceber que o perfil da sala tem configuração de estudantes cuja faixa etária era entre 12 a 14 anos e eram educandos, do ponto de vista socioeconômico, que ocupavam uma posição de desprestígio, por estar numa condição de classe baixa e poucos classe média. Esse fato vai de encontro com o que Cavalcanti (1999) vai designar de *cenário e/ou contexto de minoria linguística* (contexto de imigrante, fronteira, surdos, indígenas, dentre outros).

Além desses olhares para a sala de aula, percebi ainda que a professora estava super natural, ou a vontade, com a minha presença, talvez pelo fato de eu estar sempre na escola, estagiando, pesquisando, trabalhando, dentre outras atividades. Lembro-me que em uma de suas aulas, ela entrou a sala de aula e explicou quem eu era e o porquê eu estava acompanhando-a. Na ocasião, verifiquei que a professora trabalhou, no 7º ano, redação e a tipologia textual era Narração. Logo, ela disse para mim que costumava explicar o tipo de redação e, em seguida, trabalhava a escrita ou produção de redação. É importante registrar, também aqui, que as redações disponibilizadas pela professora regente de Língua Portuguesa, para constituição de Dados dessa pesquisa de TCC, são produções textuais que resultam de um trabalho que os estudantes fizeram depois de participarem de uma palestra sobre “violência sexual”, promovida pela escola. Por fim, pude observar ainda, conforme anotação do diário de campo do pesquisador etnográfico, que a professora regente de Língua Portuguesa costumava corrigir a lápis esse textos, para que os alunos percebessem quais eram os seus problemas na escrita.

### **Cena 6 – Coleta das redações**

As redações, gentilmente cedidas pela professora regente de Língua Portuguesa da escola selecionada, foram escolhidas por ela. No entanto, ressaltai à docente que eu precisava de redações dos alunos de origem Paraguaia, e que não poderia ser reescrita

de textos, mas teriam de ser redações corrigidas por ela. Além do mais, disse a professora que poderiam ser textos, considerados por ela, bons ou ruins.

No início de julho de 2017, antes das férias escolares, procurei a professora novamente para saber se ela já havia corrigido as redações e se poderia gentilmente me entregar para eu poder tirar xerox. Em seguida, a professora regente de Língua Portuguesa me disse que já tinha feito todas as correções. Aqui inicia-se a saga para eu conseguir as redações. No dia agendado pela professora para eu pegar as produções textuais ela disse que havia esquecido em sua residência. Então, no dia seguinte, retornei à escola e novamente a docente havia esquecido em sua casa as redações dos educandos. No segundo encontro eu disse a professora que gostaria de pegar as produções dos estudantes antes das férias, pois faria a leitura, compreensão e interpretação das redações nas férias, de modo que, após esse período, eu me encontraria com o orientador da pesquisa e discutiria os Dados coletados.

Ainda na lida de conseguir as redações, retornei novamente à escola, no período solicitado pela professora regente de Língua Portuguesa, para pegar as produções textuais produzidas pelos alunos brasiguaios e, finalmente, consegui pegá-las. Logo, agradei a professora regente de língua portuguesa por ter contribuído com a pesquisa e, tão logo, fui embora.

Com as redações dos estudantes brasiguaios em minhas mãos, conversei com o meu orientador e ele gentilmente pediu para eu enviar, ou entregar a ele, a cópia das redações selecionadas. Então, fotocopiei as redações e enviei a ele para que posteriormente marcássemos outra orientação. Nessa orientação, decidimos coletivamente utilizar apenas uma redação para a análise do meu trabalho, para garantir a qualidade e a cientificidade da pesquisa.

## **CAPÍTULO II- CONTEXTO HISTÓRICO DE BELA VISTA-BRASIL E BELLA VISTA DO NORTE-PARAGUAI**

O segundo capítulo se refere à região de estudo selecionada para a pesquisa, ou seja a fronteira internacional de Bela Vista-Brasil com Bella Vista do Norte-Paraguai. Acreditamos que para compreender um povo é de suma importância o conhecimento de sua historicidade. Nessa perspectiva, para descrever a história da região em estudo utilizamos como suporte trabalhos correlatos e obras que fazem alusão ao passado, época, segundo Barbosa (2015, p. 40) “em que a oralidade valia muito mais do que qualquer documento escrito”.

### **2.1. Perspectiva Histórica de Bela Vista-Brasil e Bella Vista do Norte-Paraguai**

Conectados ao pensamento de Vieira (2014), a história do contexto em estudo começa com o rompimento do Tratado de Idelfonso, em meados de 1777, que identificava os direitos da colônia portuguesa, Brasil. Naquele momento, o Rio Corrente, atual Rio Apa, ficou como limite entre os dois países - Brasil e Paraguai. A figura 01, abaixo, ilustra o Rio que separa as duas cidades, Bela Vista-Brasil de Bella Vista do Norte-Paraguai. Pode-se visualizar que o Rio que separa essas duas cidades numa fronteira internacional não dá a região a característica de fronteira seca, pois o Rio funciona, dentre outros parâmetros, como um divisor de águas que separa os dois países.



Figura 01- Rio Apa. Fonte: Manoel Gomes

De acordo com Vieira (2014), conectado ao pensamento de Leite (2001), por volta do ano de 1801, o capitão Pedro Juan Cabellero, que comandava uma tropa de aproximadamente 109 soldados paraguaios, cruzou o Rio, que separa Bela Vista- Brasil de Bella Vista do Norte-Paraguai, para realizar a primeira tentativa de posse do território, que hoje, século XXI, é conhecido como Bela Vista-Brasil. Essa atitude do capitão paraguaio fez com que os comandantes do exército brasileiro ficassem revoltados. Depois de aproximadamente um ano, o exército brasileiro enviou forças armadas do presídio de Miranda-MS, comandado pelo tenente Francisco Rodrigues do Prado, à região hoje conhecida como Bela Vista-Brasil.

Ao remexer essa arca que narra a história da região em estudo, encontra-se a informação de que durante o confronto entre brasileiros e paraguaios houveram muitas mortes, dentre elas, a morte do capitão Pedro Juan Cabellero. Com a morte do capitão paraguaio, a região passou a ser percorrida por outras pessoas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010):

A partir de 1845, a região passou a ser percorrida por Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Eliot, a mando de João da Silva Machado, Barão de Antonina, com a finalidade de estabelecer vias de comunicação, ligando essas paragens ao Estado de São Paulo.

Observa-se, na citação acima, que Joaquim Francisco Lopes e João Eliot, foram para a região fronteira de Bella Vista do Norte-Paraguai e Bela Vista-Brasil com objetivo de abrir caminho para o Centro-oeste. Barros (2016) ressalta que as primeiras famílias a povoar terras de Bela Vista foram os Lopes e os Barbosa.

O ano de 1864 foi marcado, dentre outros fatores, pelo acontecimento da Guerra do Paraguai. Desse modo, pode-se afirmar que, na década de 60, a região se tornou cenário de guerra e sagrentos impactos. De acordo com Barros (2016), ligado ao pensamento de Barbosa (2015), mesmo antes da efetivação da guerra, o Brasil sofreu vários ataques de paraguaios. Ainda segundo a autora, esses ataques aconteceram em virtude da estratégia de Solano Lopes de gerar acometimentos relâmpagos ao território brasileiro de modo a causar surpresa e desestabilizar o Brasil.

Após a Guerra do Paraguai, a região, onde hoje - século XXI - localiza-se a cidade de Bela Vista-Brasil, sofreu total esvaziamento. Aproximadamente depois de cinco anos, voltou a receber novos moradores. Barros (2016) nos lembra que são os Lopes, sobrinhos do Guia Lopes; os Barbosas, os Leite, os Ferreira, os Pedra, os Loureiro, os Escobar, os Melo e tantos outros precursores da região, que fundaram a cidade de Bela Vista-Brasil.

Por consequência de novos moradores na região, era fundamental um ponto de apoio comercial e de comunicação. A partir daí, foram anunciadas as bases de uma nova povoação, cuja área já se encontrava edificada a residência de José Lemes Bugre, considerado o primeiro morador da região em estudo. (IBGE, 2010). Posteriormente, novos habitantes começaram a chegar à região em estudo, sobretudo as famílias vindas de Rio Grande do Sul e depois famílias de outros estados também começaram a habitar a região, supostamente essas famílias vieram para a região, atual cidade de Bela Vista-Brasil, com intenção de explorar a erva-mate considerada nativa, que naquele momento, era mantida pela Companhia Mate Laranjeira.

A povoação de Bela Vista teve um crescimento rápido para época, e no ano de 1900, é elevada a categoria de distrito. Por lei de 3 de outubro de 1908 é elevada a categoria de município. A 20 de julho de 1910, por Lei Estadual, é criada a Comarca de Bela Vista. A 16 de julho de 1918 é declarada como cidade. (LEITE, 2001, p.12).

Pode-se perceber, a partir citação acima, que a região em estudo obteve crescimento rápido para a época, esse desenvolvimento justifica a necessidade da criação dessa fronteira em estudo, Brasil e Paraguai. Apesar disso, é interessante salientar que, mesmo com essa divisão entre os dois países, os moradores da região consideram Bela Vista-Brasil e Bella Vista do Norte-Paraguai como uma única região, visto que muitos paraguaios vão para território brasileiro com intuito de trabalhar e estudar, já os brasileiros, na maioria das vezes, atravessam a fronteira em busca de produtos mais baratos.

Diante dessa realidade contemporânea da fronteira em estudo, pode-se evidenciar, dentro outros aspectos, que o dia a dia dessa região funciona como se fosse um só país, em que os moradores atravessam os dois países como se fosse um só. (BARROS, 2016, p.29).

A partir dessa realidade atual, século XXI, pode-se também apontar outros aspectos que ligam um país ao outro, como o contexto familiar, a língua e o comércio. Ao que se refere ao contexto familiar, segundo Barros (2016), é bastante mesclado, uma vez que há inúmeros “casamentos”<sup>5</sup> entre brasileiros, paraguaios e, conseqüentemente geram filhos considerados mestiços. A título de exemplificação temos a junção dos brasileiros com os paraguaios, o que resultam nos brasiguaios. Podemos pensar através dessa conjuntura familiar que os sujeitos considerados nativos da região passam a viver,

---

<sup>5</sup> “Entre aspas porque nem sempre os casamentos passam pela formalidade conhecida de casar-se na igreja.

de um lado em um contexto de divisão, e mesmo tempo de integração de dois países. (BARROS, 2016).

Para melhor ilustrar, apresentamos, a seguir, a figura 02- que registra o “ir” e “vir” da fronteira de Bela Vista/BR e Bella Vista Norte/PY.



Figura-02 Ponte sobre o Rio Apa. Fonte Manoel Gomes.

Outro aspecto importante a ser destacado, da região em estudo, é o contexto linguístico entre essa rica fronteira. Evidentemente, a Língua Portuguesa do Brasil, por exemplo, é bastante presente no contexto do Paraguai, esse contato com outra língua ocorre através de desenhos, filmes, novelas e séries, dentre outros meios; visto que a maioria das famílias paraguaias possui acesso a informação por meio de diferentes canais de comunicação.

No contexto familiar, percebe-se que um fato significativo no âmbito da linguagem. A maior parte das famílias que ocupam essa fronteira possui em seu seio familiar uma constituição linguística de mais de uma língua. É comum, nessa região, encontrar nas rodas de tereré, bebida cuja caracterização é a fusão da água gelada com erva-mate, uma situação de no mínimo trilinguismo.(BARROS, 2016, 31).

Diante da citação acima, pode-se perceber como é a realidade linguística em região de fronteira. De fato, a maioria das famílias fronteiriças falam mais de uma língua e essa característica é natural encontrar no contexto em estudo, pois os momentos de lazer das famílias, por meio da interação social entre idosos, adultos e crianças, faz com que as gerações mais recentes também adquiram o hábito de comunicar-se em mais de uma língua, conforme a situação e o contexto a qual está inserida. As línguas que

circulam predominantemente nessa fronteira são o espanhol, o guarani e a língua portuguesa brasileira.

Ao que se refere ao aspecto linguístico, segundo Barros (2016), em outro momento que aconteceu a situação de trinlinguismo entre dois países diferentes. Essa situação linguística é evidenciada no comércio paraguaio, visto que a maioria dos atendentes de Bella Vista do Norte-Paraguai precisam falar a língua portuguesa para comunicar-se com os brasileiros que se deslocam de várias regiões circunzinhas em busca de um comércio mais barato e acessível.

Com a foto a seguir, pode-se perceber como funciona o comércio paraguaio.



Figua 03- Comércio paraguaio. Fonte: Manoel Gomes.

Ainda segundo Barros (op. cit.), ainda a respeito do comércio paraguaio, uns dos requisitos para conseguir uma vaga de emprego é o domínio do português, do espanhol e, em algumas situações, bastante rara, o guarani. Essa situação linguística do comércio fronteiriço coloca em xeque, muitas vezes, a exigência dos pais com relação aos filhos brasiguaios. Os pais, preocupados com a cobrança do mercado de trabalho, procuram ensinar os filhos a falar o português e, conseqüentemente procuram matricular os filhos nas escolas brasileiras, a qual predominantemente a língua oficial é a Língua Portuguesa do Brasil. Diante disso, podemos pensar, entre outros aspectos, que a procura de paraguaios (ou brasiguaios) em escolas brasileiras é significativa.

Ainda sobre o contexto do comércio, segundo Barros (2016, p. 30), “as lojas possuem características simples, e algumas delas improvisadas nas próprias residências

dos comerciantes”. Então, pode-se observar ao que se refere ao comércio que existe uma diferenciação de preços entre os dois países, visto que o imposto no contexto paraguaio é mais barato se comparado ao lado brasileiro.

Barros (2016) ressalta ainda que a moeda predominantemente de circulação do lado paraguaio é o dólar. Nesse sentido, quando o dólar está em baixa, o Paraguai é o centro que mais atrai brasileiros, principalmente nas busca por compras, sobretudo, eletrônicos, perfumaria, peças de carros, pneus e artigos de bebidas importadas. Os preços são geralmente bem mais baixo do que no contexto brasileiro, essa situação consequentemente faz com que alguns comerciantes brasileiros se arrisquem na comercialização ilegal de produtos paraguaios ao âmbito brasileiro.

A foto a seguir ilustra o comércio de Bela Vista-Brasil



Figura 04- Carlota Modas. Fonte: Elen Barcelos.

Como podemos observar, na foto acima, o comércio no contexto brasileiro é bastante diferente se comparando ao comércio paraguaio, visto que a estrutura, do ponto de vista arquitetônico, os prédios são bastante sofisticado. No entanto, não se visualiza um fluxo social expressivo no comércio do Brasil em comparação ao do contexto

brasileiro pelo fato de os produtos comercializados possuírem diferentes preços. Além disso o acesso ao país vizinho, Paraguai, é bastante fácil, isto é, sem muita fiscalização, o que facilita a exportação de diversos produtos e conseqüentemente enfraquece o comércio paraguaio.

## **CAPITULO III -CONSTRUINDO O ARCABOUÇO TEÓRICO- METODOLÓGICO**

Este capítulo pertence a estrutura teórica-metodológica que sustenta o trabalho. Nele serão abordados referências relativas à etnografia escolar. Posteriormente, apresentados conceitos de Sociolinguística e sua ramificação com a Sociolinguística Educacional. Conseqüentemente, serão apresentados alguns conceitos de Variação Linguística no âmbito escolar. E para finalizar, a proposta será de realizar uma reflexão sobre a variação da(s) Língua(s) presente(s) no contexto escolar.

### **1. Etnografia Escolar**

A presente pesquisa qualitativa é de cunho etnográfico do Tipo Estudo de Caso, visto que interpretamos (*análise interpretativista*, Erikson, 1990) Dados gerados na pesquisa de campo por meio da *Triangulação dos Registros*. Segundo Flick (2012), através das coletas de dados como documentos, entrevistas irão proporcionar um análise mais detalhada dos fatos ancorados na Triangulação dos dados, uma vez que o pesquisador etnográfico não se vale apenas de um único dado na sua interpretação e apresentação dos Dados.

Erikson (1990) nos lembra que esse tipo de pesquisa permite, dentre outros aspectos, que o pesquisador se questione na análise de Dados. Por isso, na maioria das análises, o investigador se coloca em terceira pessoa, “tornando o estranho familiar e o familiar estranho” (PEREIRA, 2002), para melhor interpretar os Dados.

Jung (2003, p. 87), por sua vez, ressalta que para uma pesquisa dessa natureza, etnográfica, “parte do ponto de vista das pessoas que praticam as ações”, ou seja, descrever exatamente de que modo o objeto de estudo relata ou realiza as ações. Ao ampliar a reflexão, a autora ressalta que:

Este estudo, embora tenha se valido de vários procedimentos metodológicos da pesquisa etnográfica, não pode ser caracterizado como uma etnografia. Trata-se de uma pesquisa do tipo etnográfico uma vez que não realizei um trabalho de campo observacional intenso e de longo prazo. Outros princípios desta metodologia, como a reflexividade e o estranhamento, foram de suma relevância para o processo interpretativo (JUNG, 2003, p. 87).

Ao corroborar com a autora, elegemos o termo fotografia para ilustrar dentro da pesquisa etnográfica as cenas que contribuem para o estranhamento do familiar, bem como o processo interpretativo da análise de Dados. Além do mais, Jung (op. cit)

ressalta que a pesquisa etnográfica se utiliza de vários recursos para sua elaboração, dentre esses, os documentos, as entrevistas, os olhares e/visões do pesquisador, o caderno de campo, dentre outras ferramentas que estão à disposição do investigador.

O contexto macro da pesquisa se dá na fronteira internacional de Bela Vista-Brasil. Dentro desse espaço diversificado e com bastante singulares, conforme se nota no capítulo anterior, o contexto micro de pesquisa é uma escola estadual, a qual optamos por não mencionar o nome, por uma questão burocrática, ética e sigilosa. Sabe-se que o número de estudantes brasiguaios é evidente nessa instituição de ensino. Além disso, o critério adotado para seleção da escola é abordada no capítulo 1, Passos de Pesquisa.

Na pesquisa etnográfica a relação entre o pesquisador e o campo de estudo é intrínseca, até porque ambos colaboram para a construção de uma pesquisa com cientificidade e qualide. Caldera (1995) apud Tezani (2004) ressaltam que:

Na pesquisa etnográfica, o pesquisador é considerado o principal instrumento de coleta de dados, pois ele faz parte da cena. Assim, para que um estudo do tipo etnográfico seja desenvolvido é necessário que o pesquisador vá a campo, vivencie ações da vida cotidiana descobrindo seus significados e participando delas. (CALDERA, 1995, Apud, TEZANI, 2004, s/p.

Dessa maneira, é fundamental que o pesquisador esteja atento as sutilezas do campo de estudo. Muitas vezes é por meio do estranhamento que o investigador se coloca de fora, para compreender o que está acontecendo. Algumas perguntas são importantes, tais como: O que estou fazendo aqui? Por que não é assim? Existe outro modo de enxergar a situação. Estes, e outros questionamentos, são pertinentes para um pesquisador etnográfico.

Ao observar o contexto micro, a escola em questão, nota-se que a análise (o olhar/visão) do dia a dia, a rotina da escola, da professora, objeto de estudo, e dos estudantes são elementos fundamentais para o processo de interpretação dessa(s) realidade(s). Ao pesquisador é direcionada a tarefa, dentre outros aspectos, de considerar que essa partilha de conhecimento é essencial para que o pesquisador se familiarize com o campo de estudo e que seja maleável e convicto em armazenar as informações adquiridas e (re)construídas ao longo da pesquisa.

## 2. Sociolinguística e Sociolinguística Educacional

Segundo Mussalin (2004), o termo Sociolinguísta surgiu pela primeira vez em um congresso, organizado por Willian Bright, no ano de 1.953, na universidade da Califórnia em Los Angeles, com a participações de vários estudiosos. Um período considerado de grande prestígio para o desenvolvimento da Sociolinguística foi em 1.964, nos Estados Unidos da América, com a publicação das obras<sup>6</sup> de Gumperz, Labov, Hymes e a conferência de William Bright, em Los Angeles.

A Sociolinguística é uma ciência considerada uma ramificação da Linguística Geral, em conformidade com Barbosa (2015), o seu objetivo principal é investigar e descrever a relação da Língua na Sociedade, ou seja, a fala dos sujeitos em várias situações reais de uso, considerando os fatores internos de uma Língua, como: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica e ainda os fatores externos, quais sejam: idade, sexo, escolaridade, classe social, história, cultura, dentre outros fatores. Pode-se perceber que a Sociolinguística é uma ciência que está em crescimento pelo fato de estar ligada à Fala do sujeito real e não ideal.

Segundo Barbosa (2015, p.96).

É imprescindível destacar um sutil embate entre a Linguística, propriamente dita, e a Sociolinguística, repousa no fato de que a estrutura da língua constitui o tema da Linguística, enquanto o uso da língua é de interesse da Sociolinguística.

Com base nos postulados de Barbosa (op. cit), a citação acima, pode-se notar que essas duas ciências são distintas, pelo fato da Linguística direcionar os estudos voltadas para a Língua (*Langue*), a qual Saussure (2006) definiu a língua como objeto de estudo. Já a Sociolinguística direcionou os estudos para a Fala (*Parole*), a qual o principal pioneiro foi Willan Labov.

Surge então, a “Teoria da Variação Linguística” e, conseqüentemente, o Modelo Metodológico da Sociolinguística, elaborado por Labov. Sua teoria ficou conhecida, também, como “Sociolinguística Variacionista”, cuja proposta é o estudo dos processos de variação e mudança linguística, seguindo o modelo da pesquisa quantitativa a partir de variáveis sociais, como idade, sexo, região, nível escolar, etnia, classe social, dentre outros fatores. Assim, a língua passa a ser vista em uma perspectiva social, sócio-histórica.(BARBOSA, 2015, p.96).

---

<sup>6</sup> Ver MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. In: ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. São Paulo: Cortez, 2001.

Após a criação da Teoria de Variação Linguística, em concordância com o estudo de Barbosa (2015), a Sociolinguística está dividida em três eixos centrais, quais sejam: I – Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Laboviana, II – Sociolinguística Interacional ou Sociolinguística Interacionista, III – a Sociolinguística Educacional. Dentre esse três eixos, a nossa pesquisa está fundamentada na perspectiva da Sociolinguística Educacional, a qual Stella Maris Bortoni-Ricardo é considerada pioneira nos estudos linguísticos no âmbito de escolar.

É importante salientar que são muitos os teóricos dos estudos da Linguagem, porém, a escolha para fundamentar o trabalho predominantemente com Bortoni-Ricardo é pelo fato da teórica apresentar um estudo analítico que estabelece subsídios teóricos para descrição da Língua dentro do âmbito escolar.

Barbosa (2015), ancorado ao pensamento de Bortoni-Ricardo (2005) ressalta que o principal objetivo da Sociolinguística Educacional é sensibilizar, principalmente os professores, em sua prática docente. Essa ciência leva em consideração a (co)existência de uma variedade linguística dentro do cenário escolar, que vão desde os usos formais e informais da Língua.

Em conformidade com Bortoni-Ricardo, (2005, p.15):

Os alunos que chegam à escola falando "nós cheguemu", "abrido" e "ele drome", por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. O caminho para a democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.

Nota-se, na citação acima, dentre outros parâmetros, que Bortoni-Ricardo (op. cit) que as variações trazidas pelos estudantes de seu real contexto de uso da Língua devem ser respeitadas pelo docente, visto que essas variações chegam à escola carregadas de peculiaridades linguístico-culturais. Barbosa (2015) ressalta que, muitas vezes, em região de fronteira, essas variações ganham novas formas em sua estrutura morfológica, por exemplo:

Algumas ocorrências evidenciam o nítido apoio a língua espanhola, revelando uma linguagem híbrida do aluno da fronteira e ainda confirmando a noção de bilinguismo em processo, tais como: **Pensan**, ao invés de **Pensam** (português) e **Piensan** (espanhol); **Ten**, ao invés de **Tem** (português) e **Tiene** ou **Hay** (espanhol, de acordo com o contexto); **Queren**, ao invés de **Querem** (português) e **Quiere** (espanhol). (BARBOSA, 2015, p. 113. grifo do autor).

Observa-se um apoio do estudante predominantemente a uma das Línguas que circulam no âmbito de fronteira, no caso o espanhol. Embora isso aconteça, o estudante, ao estudar em escolas de fronteiras brasileiras, necessita aprender a Língua Portuguesa. O encontro entre essas duas Línguas abre, o que Barbosa (2015) denomina de aspectos de hibridização linguística. Em outras palavras, o “queren” usado pelo estudante não faz parte nem da Língua Espanhola e nem da Portuguesa do Brasil, mas se trata de uma linguagem escrita híbrida.

Frente a essas situações linguísticas dentro do cenário escolar, Bortoni-Ricardo (2005, p.15) nos lembra que a “a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas”. Em outras palavras, a escola deve estar atenta para as questões de variações linguísticas, para que não aconteça nem um tipo de discriminação no âmbito escolar seja alunos, professores ou funcionários.

Ao papel do professor, Bortoni-Ricardo (op. cit) menciona que:

Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem de propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI-RICARDO, 2005, 15).

A aula de Língua Portuguesa requer que o professor ultrapasse o ensino exclusivamente gramatical, focado na morfossintaxe da gramática tradicional ou normativa. É importante que o docente tome para si a responsabilidade de ensinar as inúmeras variações linguísticas que estão dentro da sala de aula, de modo humanizador. O respeito ao modo como o educando fala ou escreve também é uma característica importante postulada pela sociolinguística da educação.

Isso não implica que não se deva ensinar a norma padrão, estabelecida pela gramática tradicional e/ou normativa. Defendemos a tese de que se ensino as diversas variações que estão dentro do âmbito escolar, compreendido por Pereira (2002) como um *Arena conflituosa de Línguas*.

Dentro dessa Arena onde estão disponíveis diversas maneiras de dizer, (des)escrever uma mesma situação. É necessário, segundo Bortoni Ricardo (2005), que os professores possuam um olhar sensível diante às variações linguísticas presente no campo educacional, até porque se trata de um padrão de uso real da Língua. A autora ressalta que:

Existem muitas evidências empíricas que comprovam os defeitos nefastos da incongruência entre as chamadas culturas sensíveis dos professores e alunos e proposta que visam à superação desses problemas, entre as quais ressaltamos a pedagogia culturalmente sensível. ( BORTONI-RICARDO, 2005, p. 118).

Nota-se que a autora sugere uma proposta de olhar para essas inúmeras variações linguísticas que estão nessa Arena, a escola, com uma postura de pedagogia culturalmente sensível. Acreditamos, como Bortoni-Ricardo (op. cit), que essa postura auxilia, dentre outros aspectos, para não gerar um bloqueio no estudante ou, posteriormente configurar um *preconceito linguístico*, como propõe Bagno<sup>7</sup>.

Em conformidade com Faraco (2015), por sua vez, registra que a *pedagogia da variação linguística* está relacionada com a prática do professor em sala de aula. Segundo o autor, essa visão teórica:

Propõe que os professores desenvolvam uma pedagogia da variação linguística, a partir do reconhecimento de que não existe erros nos usos que os falantes fazem de sua língua materna, sendo necessário desconstruir modos de pensar equivocados, principalmente no trabalho escolar com a linguagem” (FARACO, 2015, p.33).

Observa-se que ao corroborar com as ponderações de Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (op.cit), por sua vez, registra que a *pedagogia da variação* estima uma reflexão centrada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa brasileira. Dessa maneira, compreender e realizar o processo de reflexão dentro do âmbito escolar, especificamente na sala de aula, é de suma importância, pois essa *Arena* possui nuances variedades linguísticas e possuir uma *pedagogia da variação linguística* pode, em grande medida, contemplar, dentre outros parâmetros, que há várias maneiras de dizer uma mesma coisa.

Ao reportamo-nos para o contexto de pesquisa em questão, nota-se que os estudantes brasiguaios apresentam, expressivamente, uma variedade linguística que, muitas vezes, abrem margem para uma linguagem escrita ou falada híbrida de estudantes fronteiriços, conforme registrou Barbosa (2015) em seu estudo na fronteira internacional de Aral Moreira-Brasil com o Departamento Santa Virgínia-Paraguai.

É importante destacar, aqui, que o termo polissêmico “fronteiriço” recebe, segundo Pereira (2013) vários entendimentos que se dialogam com o conceito de brasiguai (brasileiro e paraguaio). A autora compreende o termo fronteiriço como “multifacetado, histórico e com uma dinâmica peculiar”( PEREIRA, 2013, p.130.)

Já o termo “brasiguai” possui a uma entrada lexical no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o significado de brasiguai é apresentado das seguintes maneiras:

---

<sup>7</sup> A respeito de Preconceito Linguístico sugerimos a leitura de: Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

1. que tem características, elementos ou aspectos tanto brasileiros como paraguaios (quanto à língua, aos hábitos etc.) 2. O brasileiro radicado no Paraguai ou trabalhador brasileiro que vai ao Paraguai em busca de trabalho, muitas vezes como clandestino 3- **oportunhol que se fala na fronteira do Brasil com o Paraguai < eles se entendem num b. estropiado> de brasi(leiro); para(guaio)**, junção de gentílicos cria voc. Popular jocoso, que exprime a interseção das duas nacionalidades”. (HOUAISS, 2001, p.507, grifo nosso.).

Ao corroborar com o Dicionário etimológico da Língua Portuguesa, Houaiss (op. cit), nota-se que o termo brasiguaiio faz alusão a dois países da América Latina, Brasil e Paraguai, especificamente no que se refere a troca elementos comuns entre os dois países como, por exemplo, a língua, os hábitos, a culinária, a dança, dentre outros elementos; essa justificativa de trocas de elementos acontece, dentre outros aspectos, pela grande dimensão territorial de fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

Além do mais, partindo do pressuposto conceitual de que o termo “brasiguaiio”, segundo Pereira (2013), refere-se aos indivíduos que se remetem a distintas culturas, mas que contituem uma *nova identidade cultural*, conforme propõe Bhabha (1998). A título de exemplificação temos em zonas de fronteiras entre o Brasil e o Paraguai o intercâmbio social por diversos interesses, político, comercial ou cultural, dentre outros. Esse “ir” e “vir” possibilita o trânsito também de línguas, que acompanhadas dos sujeitos fronteiriços, torna o conceito de brasiguaiio multifacetado, ou seja, há várias formas de visualizá-lo.

Não pretendemos com este capítulo finalizar ou esgotar os postulados teórico-metodológicos. Elegemos os respectivos autores por dialoguem de maneira direta com a análise de dados que se segue no próximo capítulo.

## CAPITULO IV

### ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo tem como objetivo central apresentar as análises de Dados da pesquisa. Soma-se aos demais no sentido de ser uma pesquisa com orientações metodológicas calcadas na etnografia, conforme consta no capítulo 1, ao relatar os Passos de Pesquisa. Além disso, no capítulo 2 temos a Apresentação do Contexto de Estudo, uma região fronteiriça e que carece de estudos sociolinguísticos do ponto de vista educacional. E no capítulo 3, apresentamos o Arcabouço teórico-metodológico que sustenta a pesquisa. É importante ressaltar ainda que utilizaremos para interpretar os Dados da pesquisa a análise *interpretativista*, conforme nos orienta Flick (2012), Erikson (1990) e Barbosa (2015).

#### **4. Bases para análise da pesquisa**

Para realizar as análises de Dados da pesquisa, seguiremos as orientações etnográficas para analisar os Dados dentro da perspectiva *interpretativista*, conforme Flick (2012). Além disso, a partir desse momento da pesquisa, a presente autora se coloca terceira pessoa, Ele/Ela para melhor realizar a análise dos Dados e/ou Registros da pesquisa, do Eu e do Tu. Logo:

Ele/Ela ► interpreta/olha ► Eu e o Tu

Essa posição auxilia, segundo orientação etnográfica, melhor visualização dos Dados, visto que a presente autora possui uma relação muito próxima ao contexto de estudo. Então, é fundamental distanciar-se do contexto de modo a tornar o familiar estranho e o estranho familiar. Além disso, a pesquisa etnográfica permiti analisar a postura do pesquisador na etapa de geração de Dados.

A análise de Dados, a partir de agora o Caso de Luz, seguirá, ainda, a Triangulação de Registros, arquitetada da seguinte maneira: 1. Aplicação da atividade e histórico da estudante brasiguai Luz. 2. Redação Corrigida pela docente e, por fim 3. Apresentamos a interpretação, o olhar da docente com relação à aluna brasiguai. Justificamos, aqui, que elegemos apenas uma produção por prezar pela cientificidade e qualidade da pesquisa. Além disso, a presente redação foi selecionada de maneira aleatória. É importante ainda ressaltar que não é nosso interesse levar em conta o gênero

ou tipologia textual, tampouco se a produção de Luz está boa ou ruim, mas o nosso foco é buscar esforços no sentido de compreender o olhar da professora de língua portuguesa com relação à Luz.

#### **4.1. O Caso de Luz e Rebeca: Aplicação da atividade**

Primordialmente, é fundamental registrar que os nomes Luz, para a estudante brasiguaiia, e Rebeca, destinado à docente, são fictícios, selecionados previamente pela pesquisadora, autora desta investigação, e com consentimento do orientador da pesquisa. Ademais, é importante registrar que os nomes fictícios escolhidos não fazem relação direta com nenhum nome de parentes da investigadora.

A produção textual da educanda brasiguaiia Luz é resultado de uma proposta de atividade de Língua Portuguesa, após os estudantes participarem de uma palestra com a psicóloga do Centro Especializado de Assistência Social CREAS, intitulada “Combate Contra a Violencia Sexual”. Logo, ao retornarem à sala de aula, a professora Rebeca solicitou aos alunos à escrita de uma redação sobre o que os educandos haviam entendido da Palestra.

É imprescindível mencionar também que a produção textual não passou pelo processo de reescrita. Logo, pode-se perceber que há correções de Rebeca na produção textual. Outro aspecto, não menos importante, é relativo à tipologia textual, uma vez que era livre. Nota-se que a intenção da professora Rebeca é de que os educandos escrevessem sobre a Palestra. Então, a contextualização da atividade aconteceu com a Palestra do CREAS.

#### **4.2. Histórico da estudante Luz**

Ao realizar o recuo no tempo e compreender a historicidade de Luz, nota-se que sua alfabetização foi realizada em uma escola no Paraguai, e o seu ensino fundamental I foi realizado em uma escola municipal já no contexto brasileiro. Desse modo, o ano de 2015 foi o primeiro ano em que a estudante brasiguaiia Luz frequentou uma escola estadual.

A pesquisadora da presente investigação em uma de suas cenas etnográficas, um dia que substituiu a docente Rebeca, perguntou à estudante Luz o porquê ela passou a frequentar as escolas brasileiras. A resposta foi no sentido de que Luz compreende que o ensino no Brasil é melhor do que no Paraguai.



Nota-se, para uma primeira escrita, certa organização na redação de Luz. O cabeçalho da escola, o título centralizado, a entrada do parágrafo evidenciam pensar uma intenção de organização textual, talvez ensinada pela docente Rebeca.

#### 4.4. O olhar da professora Rebeca para o texto de Luz

Diante da produção textual feita pela estudante brasiguia Luz, pode-se evidenciar, no primeiro momento, que a correção feita pela professora Rebeca foi de cunho ortográfico. Esse fenômeno pode ser observado em passagens como a palavra **violencia** ao invés de **violência**. Nota-se também que Rebeca ora corrigi a respectiva palavra (violência), conforme se observa na primeira linha do primeiro parágrafo, ora a docente não corrigi, como se verifica no cabeçalho. Essa atitude, por meio da correção, evidencia interpretar que a professora corrigiu essa redação de modo rápido ou que não deu atenção ao cabeçalho da produção.

Outro ponto que merece atenção é relativo a unidade lexical **Abuzo**, ao invés de **Abuso**. Ao recuarmos no tempo e compreendermos a historicidade da estudante Luz, podemos observar, dentre outros parâmetros, que sua formação escolar inicial, alfabetização, aconteceu numa escola do Paraguai. Diante dessa conjuntura, pode-se depreender que o fato de Luz grafar abuzo (no lugar de abuso) é um fenômeno linguístico natural, visto que é comum a confusão de fonemas “Z” e “S” em alunos brasiguaios, até porque é também na etapa de alfabetização que os estudantes conhecem, dentre outros aspectos, as letras, os fonemas, seus sons, dentre outros; certamente, Luz não aprendeu em sua historicidade escolar essa diferença, a prova disso é a confusão.

Ao dialogar com os pressupostos de Faraco (2015) sobre *pedagogia da variação linguística*, nota-se que essa realidade acontece, de fato, na escola. A confusão do emprego dos fonemas “Z” e “S” ilustram essa realidade de variação linguística, especificamente da fala e escrita, bem como a transposição da fala para a escrita. Bortoni-Ricardo (2005), por sua vez, menciona que uma atitude interessante frente essa diversidade linguística naturalmente encontrada em sala de aula é partir da realidade do aluno, a língua dele, para se chegar a realidade que a escola quer propor, isto é, a língua da escola. Segundo a autora, para que isso efetivamente aconteça é necessário que o docente tenha uma *pedagogia culturalmente sensível*.

Em outra situação de outra troca de fonemas, no caso da palavra **Crave**, ao invés **Grave**, a troca dos fonemas “C” e o “G”, essa troca é muito comum entre alunos brasiguaios, em alguns casos os fonemas promovem o mesmo som. A explicação para esse fenômeno pode ser compreendido, dentre outros aspectos, pela alfabetização realizada pelo estudante. No caso de Luz, conforme seu histórico de vida apresentado na seção 4.2, pode-se perceber, dentre outros aspectos, que sua etapa escolar inicial, alfabetização, aconteceu em escolas paraguaias, no Paraguai.

Bhabha (1998), é interessante que o docente leve também em consideração durante a sua prática docente que há em cenários de fronteiras uma *identidade cultural* com culturas distintas. Pereira (1999) vai ressaltar que esse cenário fronteiriço tem sido compreendido como mais *sociolinguisticamente complexo*, se comparado a outros cenários que não são fronteiras. Pereira (2013), por sua vez, ao dialogar com ambos ressalta que o estudante brasiguai é passível de culturas distintas e a todo momento (re)constrói sua identidade cultural, linguística, ideológica, étnica, dentre outros aspectos. Diante dessa conjuntura, é necessário, segundo Bortoni-Ricardo um olhar sensível para a historicidade do estudante, muitas vezes, revelada na sua escrita, como acontece com Luz, ao trocar fonemas que não fizeram parte de sua alfabetização.

Ao pensar na correção da professora Rebeca acerca da superfície ortográfica. Nota-se que a superfície gramatical não é levada em consideração. A título de exemplificação, tem-se a ausência de orientação da professora na passagem “**na maioria das vezes**”, que conforme a gramática vem empregada entre vírgulas dentro de um período. Além disso, por uma *pedagogia da variação* defendida por Faraco (2015), é interessante que o docente mostre aos estudantes as nuances maneiras de ser dizer uma mesma coisa. Logo, seria pertinente que a professora Rebeca mostrasse à aluna brasiguai, Luz, outras maneiras de expressar “**na maioria das vezes**” como, por exemplo, “muitas vezes”, “em muitos casos”.

Segundo Faraco (op. cit) essa atitude de mostrar outras maneiras linguísticas configura pensar, dentro de outros aspectos, que a professora projeta sua aula pensando na variação linguística presente no contexto escolar, compreendido por Pereira (1999) como uma Arena que está, ainda segunda a mesma autora, dentro de um contexto com evidência sociolinguística complexa. Além disso, pensar em outras formas linguísticas de dizer “**na maioria das vezes**” configura pensar que poderia ser exposto num primeiro momento para que a aluna brasiguai Luz pensasse numa reescrita textual.

Ainda dentro da superfície gramatical verifica-se que a palavra “**tem**” ao invés “**têm**” também é corrigida pela professora Rebeca. Ao realizar projeção, via-memória ao momento de aplicação da atividade, além de anotações do caderno de campo do pesquisador etnográfico, nota-se que Rebeca não ensinou e/ou refletiu com Luz o porquê desse fenômeno linguístico (tem e têm) estar destacado em sua superfície textual escrita. A gramática normativa é objetiva ao estabelecer que essa é uma regra de concordância de pessoa. Logo, a forma “tem” é usada para a 3ª Pessoa do singular (Ele/Ela), enquanto que têm, grafado com acento circunflexo, é usado para designar a presença da 3ª Pessoa do Plural (Eles/Elas).

Ainda ao realizar uma análise interpretativista, percebe-se que a aluna brasiguia Luz escreve “**cecretaria**” e a professora Rebeca não a corrige. Sabe-se que a palavra “**secretária**” é grafada na língua portuguesa por “**secretária**”. Nota-se que ambas as sílabas, “ce” e “se” têm pronúncias parecidas. Tal fato evidencia pensar, dentre outras questões, que Luz, por sua vez, realiza essa confusão por conta do som da sílaba. Bhabha (1998) nos atenta para pensar na identidade cultural do educando. Ao trazer essa historicidade, muitas questões podem ser levadas em consideração. No caso de Luz, sua alfabetização aconteceu numa escola do Paraguai. Logo, é de se esperar que a alfabetização de sílabas tenha acontecido com sons da língua espanhola. Faraco (2015) ressalta que, para esse tipo de situação, é interessante que o professor realize o recuo no tempo para compreender a história escolar do educando, em especial brasiguia da fronteira, de modo a problematizar diversos aspectos linguísticos, dentre eles o som e emprego de sílabas na construção de uma unidade lexical.

Outro fenômeno linguístico que se encontra na produção de Luz diz respeito a marca de oralidade na palavra “**com nós**” ao invés de “**conosco**”. Essa correção evidencia a pensar, entre outras questões, que a professora Rebeca levou em consideração essa oralidade, muitas vezes, transpostas para o texto escrito. Novamente, ao remontar, via-memória e anotações do diário de campo, observa-se que a docente não explicou o porquê sem empregar “conosco” ao invés de “conosco”. Bortoni-Ricardo (2005) e Barbosa (2015) nos dão subsídios para compreender, dentre outras questões interpretativas, que a professora Rebeca levou em conta a marca de oralidade no texto, mas não trabalhou partindo de uma postura culturalmente sensível voltada para a realidade do estudante. Ambos os estudiosos da Sociolinguística Educacional registram que é necessário dar o retorno ao estudante, uma devolutiva com explicações. Além disso, esse retorno explicativo deve ser de feito com respeito e responsabilidade.

Outra leitura pode ser realizada a respeito do emprego de “**com nós**” ao invés de “**conosco**”. Trata-se da hipótese de que a aluna brasiguaiia Luz tenha anotado no ato da Palestra com a psicóloga do Centro Especializado de Assistência Social CREAS, intitulada “Combate Contra a Violência Sexual”, a fala da palestrante. E essa fala acabou por aparecer em seu texto escrito. Segundo Barbosa (2015), é pertinente que o olhar da docente para estas questões seja de sensibilidade, até porque a produção está em fase inicial, sem reescrita, de produção. Nesse período, talvez o interessante é a professora Rebeca olhar a superfície do campo das ideias, para depois direcionar seu foco à superfície da gramática e ortografia.

Por fim, mas não limitando as nuances interpretações que o texto da aluna brasiguaiia Luz pode proporcionar, é interessante mencionar que acreditamos numa educação humanizadora, que preza pelo respeito, pela valorização das minorias linguísticas e pela promoção de um docente que leva em consideração, segundo Barbosa (2015) os diversos aspectos de hibridização que acontece em cenários de fronteira.

## CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO<sup>8</sup>

Conforme se pode notar no subtítulo, não há considerações finais, mas em processo. No primeiro momento é importante destacar que o presente trabalho somou a um conjunto de pesquisas um tipo de mapeamento de situações vivenciadas pela escola, em especial pelas docentes de língua portuguesa, em área de fronteira como, por exemplo, o estudo de Barbosa (2015) ao descrever a realidade sociolinguística da fronteira internacional de Aral Moreira-Brasil com a Microrregião do Departamento Santa Virgínia-Paraguai. Este conjunto de trabalhos, certamente, servirá como fortalecimento às pesquisas destinadas a estes cenários ricos e peculiares.

A pesquisa que se realizou, durante essa investigação, relacionou alguns conceitos importantes para a compreensão da questão sociolinguística na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, especificamente em Bela Vista e Bella Vista do Norte.

O trabalho está caracterizado, inicialmente, pelo capítulo 1, no sentido de contribuição aos outros trabalhos que surgirem na mesma linha de pesquisa com os Passos de Pesquisa, mostrando qual o percurso que a pesquisa etnográfica pode construir. Uma premissa importante para uma pesquisa dessa natureza é quando se ressalta que na etnográfica é fundamental que o pesquisador, com seu olhar sensível e minucioso, colete os Dados e/ou Registros, para posteriormente realizar a análise do *corpus*.

Percebe-se ainda, o capítulo 2, a contribuição ao que se refere à descrição do contexto histórico da pesquisa. Vale lembrar que, nesse capítulo, recorreremos a trabalhos correlatos como, Vieira(2014) e Barros(2016), que remontam a historicidade da região em estudo.

Ao que se refere ao capítulo 3, a pesquisa contribuiu, com os estudos de Língua e Sociedade, a Sociolinguística. Além disso, direciona um aporte teórico-metodológico que relaciona a etnografia, pesquisa de campo, com a Sociolinguística dentro do âmbito escolar, isto é, a Sociolinguística Educacional.

Já o capítulo IV está relacionado apresentar a Análise de Dados e/ou Registros. Nele, pode-se verificar, dentre as descrições esboçadas, o olhar da professora Rebeca a partir da Triangulação de Registros (1.produção da educanda Luz; 2. histórico da

---

<sup>8</sup> Termo originalmente usado por Barbosa (2015).

estudante e de 3. Teorias Sociolinguísticas direcionadas à sala de aula da escola) para uma estudante brasileira.

Para finalizar é necessário deixar explícito que, não limitando as reflexões desta pesquisa, o presente trabalho pretende, acima de tudo contribuir e somar-se a outros trabalhos, desenvolvidos e em andamento, quais o objetivo é mapear e descrever a realidade sociolinguística dessa região de fronteira com vistas a sensibilizar práticas docentes em espaços fronteiriços.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- BARBOSA, Jefferson Machado. **Olhares Investigativos Sobre a Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Um Estudo de Caso Etnográfico.** 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2015.
- BARROS, Katyusse Loubet. **O olhar do paraguaio comerciante da fronteira internacional de Bela Vista/Brasil e Bella Vista do Norte/Paraguai sobre *Língua: um estudo etnográfico.*** 47p. Monografia (Graduação) – Letras-Português/ Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim-MS, 2016.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós Chegemu na Escola, e Agora?: Sociolinguística & Educação.** São Paulo: Parábola, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Educação em língua materna - a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2005b.
- TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **As interfaces da pesquisa etnográficas na educação.** 2004.
- CAVALCANTI, M. **Estudos sobre Educação Bilíngue e Escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil.** DELTA, São Paulo, v.15, 1999.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges Por que ainda ler Saussure. In: FIORIN, José Luíz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (orgs.). **Saussure: a invenção da Linguística.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 07 a 32.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Porto Alegre: Penso, 2012. 256p.
- HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Sales (1939). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, 2001.
- IBGE. **Cidade de Bela Vista – MS Histórico.** Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=500210>. Acesso em: Abril, 2017.

LEITE, Sydney Nunes. **Bela Vista: uma viagem ao passado**. 2001, Bela Vista. Capítulo. **Origem histórica de bela vista** p. 10-12, cap. Origem Histórica de Bela Vista.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. In: ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, Jacira Helena do Vale. **Brasiguaios ou Fronteriços?** A noção de habitus para compreender o pertencimento cultural na fronteira Brasil-Paraguai. Revista do centro de educação e letras. v.15 n. 2 p.129-149, 2013.

PEREIRA, M.C. **Naquela Comunidade Rural, Os adultos Falam “Alemão” e “Brasileiro” Na Escola, As Crianças Aprendem Português**. Um Estudo do Continuum Oral/Escrito em Crianças De Uma Classe Bisseriada. Campinas, 1999a.

PEREIRA, M.C. **A escola em contexto sociolinguisticamente complexo e o apagamento das minorias étnico-linguísticas na perspectiva do letramento**. Revista Olhar do Professor, Ponta Grossa, 5 (1): 47-56. 2002b Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68450105>>. Último acesso em 18 de jun. 2013, às 21: 00h.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (org.). Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007

VIEIRA, Jilimara Barbosa. **O Contato de Professores de LP com alunos que têm o Guarani/Espanhol como Língua Materna de uma Escola Municipal de Bela Vista/MS**. Monografia (Graduação) – Letras-Português/ Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim-MS, 2014.